

A verdade factual

Vai ser difícil encontrá-la nos editoriais da imprensa e no discurso de Fernando Henrique

Cards

Um editorial do *Estadão* do dia 14 passado sustenta que "se a crise asiática for de curta duração e ficar circunscrita à região, o Brasil não será afetado". Suponho que se o mundo não acabar, o Brasil continuará no lugar de sempre. Lembro que quando eclodiu a crise da Tailândia, em julho de 1997, não faltaram editoriais para demonstrar a impossibilidade de maiores consequências neste nosso país bonito por natureza, abençoado por Deus e governado por Fernando Henrique. Mas a questão, aqui e agora, é outra.

A minha atenção é convocada, eis o ponto, pela capacidade desenvolvida pela imprensa, e pela mídia em geral, de tecer quadros otimistas mesmo em situações de tensão, e pela capacidade do público de aceitar prontamente essas versões edulcoradas. Claro que os comunicadores têm o direito de enxergar em Fernando Henrique o meio termo entre o estatista e o profeta. Por outro lado, a gente entende certos enlevos num país — não é assim naqueles ditos do Primeiro Mundo — em que se permite o acesso de empresas jornalísticas à disputa por fatias de Banda B e similares. É impressionante, contudo, a disposição praticamente unânime para escanteiar ponderações bem fundamentadas a respeito de eventos graves.

O negócio é afastar pensamentos sombrios mesmo quando trafegamos pela sombra. Haverá quem diga que o pensamento positivo é meio caminho andado. Pode ser, desde que percebido na perspectiva de quem recomenda otimismo na ação e pessimismo na inteligência. O otimismo em tudo e por tudo configura um quadro preocupante. Por parte de quem o prega, recorda, por exemplo, o discurso religioso pelo qual o homem é condenado a viver num vale de lágrimas com a certeza da recompensa no Além, desde que merecida por um comportamento conformado. Por parte de quem engole a pregação, indica que a inteligência deu no pé e sobrou apenas emoção igual a um fôrtim no meio do deserto.

Me ocorre um debate tão antigo quanto o homem, sobre a verdade. Cada um carrega a sua, passível de ser fracionada como a luz refletida por um prisma, multiplicada ad infinitum. Existe, porém, a verdade factual, e ela é só uma só. Dizer que o Brasil é vulnerável, que a sua economia tem problemas muito sérios, é pronunciar, simplesmente, uma verdade factual. Assim como é verdadeiro o pacote de novembro. A partir dele, analistas de bancos brasileiros estão prevendo que os lucros cairão sensivelmente em 1998 nos mais diversos setores e que o crescimento do PIB poderá ficar abaixo de zero. Na melhor das hipóteses, na visão desses especialistas, não irá além de 1,6% positivo. A previsão dos analistas não é verdade factual, já que o fato ainda não se deu. Consta, entretanto, que esses cavalheiros sabem das coisas.

Hannah Arendt, pensadora alemã, escreveu que quando a verdade factual deixa de ser registrada, por obra da mentira ou da omissão, ela naufraga de vez, nunca mais sera recuperada. A sra. Arendt era pessimista na inteligência. Ela não ignorava que a verdade está sujeita aos assaltos do poder público e do poder privado, e não hesitava em afirmar que "não há esperança de sobrevivência humana sem homens dispostos a dizer o que acontece". O assalto aconteceu, acontece e acontecerá. Não há como ser otimista a respeito, e aqui está um ponto que mexe, ou deveria mexer, com jornalistas. Parece, contudo, que vários jornalistas, ou presumidos, ou apresentados

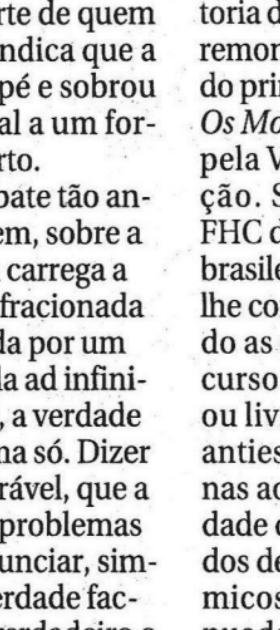
como tais, preferem portar-se como se fossem parte do poder. Ou são mesmo?

De todo modo, Fernando Henrique não é jornalista. E, outro dia, o papa se saiu com uma de suas perorações contra o latifúndio e a favor da reforma agrária, e o nosso presidente logo surgiu em cena para afirmar que Sua Santidade não se referia ao Brasil. Perguntei aos meus pacientes botões: terá o primeiro mandatário ligado para o santo padre a fim de esclarecer o eventual equívoco? Os botões fecharam-se em copas. Anotei, porém, que Fernando Henrique falou de forma muito categórica. Também anotei uma verdade factual: 50% das terras agricutáveis do Brasil são de propriedade de 1% da população. Mas já foi dito: os governantes não ligam muito para a verdade factual. Os governantes e os papas, apesar da súbita exceção aberta por João Paulo II.

O poder é imbatível no exercício da caradura. Isso não significa que ela seja rija, bem alicerçada sobre os malares. A cara de Fernando Henrique cede prazerosamente em vários pontos, acentuando-se a impressão de lassidão muscular graças à linha da boca, rica em curvas, o lábio inferior barrocamente projetado sobre o queixo. Isso tudo, é bom dizê-lo, favorece a personagem, torna mais eficaz e crível a sua fala, pronunciada naquele tom manso e casual próprio... de quem, próprio de quem, jornalistas do Brasil? Pois é, dos sedutores. E a maioria dos jornalistas do Brasil foram seduzidos, conquanto saibam, imagino, que o sedutor não é, até por dever de ofício, um adepto fervoroso da verdade factual. Por exemplo, ele aparenta ser de esquerda, anos a fio, mas é outra coisa.

Não falta quem se espante com o talento transformista de Fernando Henrique. No entanto, ele sempre foi o que é hoje. Errou quem o viu de outro jeito. A melhor análise de Fernando Henrique que conheço é de autoria do professor José Luís Fiori, remonta a julho de 1994 e consta do primeiro capítulo do seu livro *Os Moedeiros Falsos*, publicado pela Vozes e já na terceira edição. Segundo Fiori, em 1963 FHC detectou no empresariado brasileiro a compreensão de que lhe convém associar-se, "segundo as circunstâncias, a um discurso ideológico protecionista ou livre-cambista, estatista ou antiestatista, obedecendo apenas ao interesse maior da liberdade de movimento do capital e dos desdobramentos geoeconômicos e políticos da sua contínua internacionalização". E mais adiante a conclusão, jogada para a campanha eleitoral de 1994: FHC "deixou seu idealismo reformista e ficou com seu realismo analítico". Candidatou-se a condottiere da burguesia industrial nativa, disposta ao papel de sócia menor e dependente do capitalismo ocidental.

FHC ganhou a parada. "Mas diante da hipótese de uma aliança de centro-esquerda que poderia revolucionar o sistema político e social brasileiro", diz Fiori, ele optou "por uma aliança de centro-direita com o PFL", porque lhe garantiria o apoio de outros partidos conservadores num eventual segundo turno. No entanto, os motivos da aliança transcendem as conveniências eleitorais, advertia Fiori. Visam a "algo mais sério e definitivo: remontar a tradição e coalizão em que se sustentou o poder conservador no Brasil". "Este é o verdadeiro significado direitista da sua decisão" escandaliza o professor, "que, aliás, não é de hoje, data de maio de 1991, quando apoiou a reorganização do governo Collor em aliança com o próprio PFL". O tempo deu razão a José Luís Fiori, com o amparo, inclusive, de algumas verdades factuais.



O otimismo em tudo e por tudo configura um quadro preocupante.